

As reflexões de um reformista sobre a dívida externa do País

Ontem, no final da tarde, no Rio de Janeiro, o ex-presidente do Banco Central do Brasil, Carlos Geraldo Langoni, lançou um livro que certamente terá amplas repercussões. O título — "A crise do desenvolvimento, uma estratégia para o futuro" — talvez esconda dos leitores não informados o verdadeiro assunto.



De fato, o ex-presidente do Banco Central analisa a crise criada pelo endividamento dos países do Terceiro Mundo em 1982, no momento em que a comunidade financeira internacional suspendeu seus fluxos de capital.

Carlos Geraldo Langoni assumiu, de 1982 até julho de 1983, a direção da negociação da dívida externa brasileira. Fala assim com experiência própria. O leitor ficará, todavia, desapontado se procurar no livro revelações sobre a história da renegociação: não se trata de um livro de estórias ou fofocas, mas de uma reflexão acerca de uma experiência concreta, que o autor quer transmitir para a sua maior utilidade.

O professor Langoni escreveu um livro didático, acessível mesmo aos que não estão acostumados ao jargão das finanças internacionais e ao economês. Nas notas procura sempre explicar, de maneira clara, algumas expressões técnicas. Distribuiu sua análise em cinco capítulos.

O primeiro é uma exposição sobre as raízes da crise, uma análise clássica enriquecida pela experiência própria de uma pessoa que teve de viver a crise. O segundo e o terceiro capítulos são, certamente, os que mais interessarão aos que acompanham o problema da renegociação da dívida externa. O segundo capítulo trata da renegociação com os bancos. O autor explica como ela está-se concretizando, mas a partir de uma análise crítica que mostra os limites e a ineficácia desse processo.

CAPITALIZAÇÃO

Não se trata apenas de uma crítica: Carlos Geraldo Langoni expõe com clareza o que deveria ser uma nova estratégia: é necessário antes de tudo reduzir o atual nível de incerteza, o que exige que se renuncie ao excessivo automatismo estabelecido entre ajustamento interno e externo. Mas a incerteza seria essencialmente anulada com medidas visando a eliminar os efeitos da variabilidade das taxas externas de juros.

Langoni está propondo um sistema de capitalização parcial dos juros, sendo que a parcela a ser refinanciada seria a diferença entre a taxa de mercado e a taxa de juros de equilíbrio de longo prazo. Isso eliminaria os riscos de altas apenas conjunturais e que muitas vezes são apenas os reflexos de uma situação peculiar à economia dominante: os Estados Unidos. O sistema, aliás, permitiria dar maior liberdade aos mentores da política monetária dos Estados Unidos e favoreceria a transformação de capital de empréstimo em capital de risco.

No seu sistema, Langoni quer antecipar a queda da taxa de juro no mercado internacional e, naturalmente, dar maior espaço para crescer. O autor propõe mecanismos que poderiam amenizar os efeitos dessa capitalização, notadamente a criação, no âmbito do FMI, de uma "facilidade de juros" que seria capaz de compensar a diferença entre os fluxos de pagamentos dos países endividados com os juros pagos pelos bancos credores.

Insiste quanto à necessidade de pensar em termos de longo prazo e, por isso, de poder definir outras fontes de recursos para o longo prazo.

CRÍTICA AO FMI

O professor Langoni não sugere o rompimento com o FMI, mas no terceiro capítulo faz uma crítica profunda da atuação do organismo internacional e das contradições dos mecanismos de ajustamento interno propostos pelo Fundo. Neste caso também defende reformas realistas.

No quarto capítulo, o ex-presidente do Banco Central quer deixar bem clara a relação entre o desempenho interno e a questão externa. Na realidade, propõe nesse capítulo uma nova política econômica que dará forças às reivindicações apresentadas aos credores e ao FMI.

Não se pode resumir uma análise profunda e cheia de nuances nas soluções propostas. É um livro de leitura obrigatória. Apenas temos de considerar que todas as soluções apresentadas dependem de uma decisão política dos governos dos países credores. Sem apoio dos governos e dos Bancos Centrais, os bancos privados e o próprio FMI não aceitarão as propostas reformistas de Langoni. O autor reconhece sua decepção diante da atitude desses governos, que procuraram intervir o menos possível. Será que diante das consequências dessa "Crise do Desenvolvimento" estarão prontos para mudar de atitude? (RA)